

## CRISE DOS MERCADOS

# Americanos atentos ao próximo passo do Brasil

**Situação da economia brasileira causa apreensão dos EUA, pelo impacto que uma crise pode ter**

SHELLEY EMLING  
Cox News Service

**M**IAMI – Imagine o Brasil como um consumidor livre e feliz em gastar dinheiro.

Ele toma Coca-Cola, passa férias na Flórida e sente-se perdido sem seu celular.

Agora imagine que ele está falido.

Com isso em mente, é fácil ver porque os problemas econômicos no Brasil – lar de 164 milhões de consumidores em potencial – podem representar um golpe arrasador para empresas americanas tão variadas como a Coca-Cola Co., a Motorola Inc. e a Walt Disney Corp.

Sendo a nona maior economia do mundo, o país sul-americano tornou-se uma grande preocupação para analistas e investidores que temem que o Brasil mergulhe na recessão em 1999, ou seja forçado a evitar a recessão com uma desvalorização da moeda.

Este mês, o Brasil espera receber um socorro financeiro de até US\$ 30 bilhões, levantados pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) para ajudar a estabilizar a economia do País.

Mas a economia pode desmoronar assim mesmo se o presidente Fernando Henrique Cardoso não conseguir pôr em prática um pacote de austeridade que deve ser anunciado até o fim de outubro e, de alguma forma, aprovado pelo Congresso brasileiro.

Cardoso enfrenta o difícil desafio de precisar cortar o déficit governamental de 8%, reformar um problemático sistema de Previdência Social e ajustar uma supervalorização de 15% a 20% da moeda brasileira.

Os interesses americanos são grandes porque dificuldades econômicas no Brasil prenunciam dificuldades econômicas em toda a América Latina, o que colocaria a crise financeira internacional às portas da população americana.

“As pessoas esquecem como o Brasil é importante para a economia americana, mas o mercado de exportações no Brasil é 25% maior do que o da China”, disse David Hirschmann, vice-presidente-executivo do Brazil-U.S. Business Council em Washington, D.C.

Talvez a importância do Brasil possa ser explicada melhor com números.

A economia de US\$ 800 bilhões por ano do Brasil é duas vezes maior que a da Rússia e quase duas vezes maior que a do México. Mais de 400 das 500 maiores empresas americanas têm subsidiárias no Brasil. O País é responsável por 45% da produção da América Latina.

E há alguns aspectos pelos quais as economias do Brasil e dos Estados Unidos estão irreversivelmente ligadas: bancos americanos tinham lucrado US\$ 34 bilhões em empréstimos em aberto ao Brasil até setembro.

Mais de um milhão de turistas brasileiros vão para os Estados



Fernando Henrique: preocupação dos Estados Unidos é saber se o presidente vai superar a inércia do Congresso

**MAIS DE 400  
DOS MAIORES  
GRUPOS DOS EUA  
ESTÃO NO PAÍS**

Unidos todo ano.

Corporações americanas têm mais de US\$ 25 bilhões investidos em fábricas brasileiras.

Alguns investidores tentam prever se a precária situação econômica

do Brasil pode afetar os rendimentos futuros de companhias que fizeram grandes investimentos no País.

O Brasil é o terceiro maior mercado da Coca-Cola, depois dos Estados Unidos e do México. A companhia de Atlanta e suas engarrafadoras, que empregam 42 mil pessoas no Brasil, investiram US\$ 1,4 bilhão em infra-estrutura e marketing no Brasil de 1995 a 1997.

“Vemos muito potencial no Brasil”, disse Bill Hensel, um porta-voz da Coca-Cola.

Outra companhia, a Motorola Inc., acaba de assinar um contrato de US\$ 200 milhões com a Global Telecom do Brasil para fornecer um sistema de rede de telefonia celular na região Sul. A Motorola terminou de construir uma fábrica de 15 mil metros quadrados no Brasil no ano passado.

Além disso, o futuro do Brasil certamente terá repercussões na Flórida. O comércio entre o Brasil e a região chegou a mais de US\$ 8 bilhões no ano passado, o que significa que o Brasil tornou-se o parceiro comercial mais importante da Flórida.

Mais de 200 mil brasileiros vivem na Flórida e a maioria do milhão de brasileiros que visitam os Estados Unidos todos os anos vão para a Flórida.

“Metade das exportações americanas que vão para o Brasil passa pela Flórida ou é produzida na Flórida”, disse Hirschmann. “Você pode dizer que, de fato, o que acontecer com o Brasil acontecerá com a Flórida”.

As esperanças quanto ao futuro da economia brasileira têm sido otimistas desde 4 de outubro, quando Cardoso, que é considerado o responsável pela estabilização da moeda nos últimos anos, tornou-se o primeiro presidente na República de 109 anos a ser reeleito.

Até mesmo o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento prometeram ajudar o Brasil a fazer reformas econômicas, apesar de nenhum dos dois ter especificado quanto dinheiro será oferecido.

Mas agora todos os olhares estão voltados para o desempenho dos aliados de Cardoso no segundo turno das eleições nacionais brasileiras, que deve acontecer em 25 de outubro.

Os olhos também estão atentos ao Congresso, que provou ser uma pedra no sapato dos planos de reforma de Cardoso no passado.

Durante o seu primeiro mandato, Cardoso deixou, repetidas vezes, de tentar obter a aprovação do Congresso para reformas do setor público que deveriam resultar em economia, preferindo seguir a linha da menor resistência e elevando os impostos cujo aumento não requeria a aprovação do Congresso.

Mas ao mesmo tempo Cardoso agiu em outras frentes importantes: privatizou vários monopólios estatais inchados, inclusive as companhias telefônicas e ajudou o Brasil a atrair uma quantidade maciça de investimentos estrangeiros.

Este ano o governo de Fernando Henrique Cardoso conseguiu evitar o colapso da moeda e impediu a evasão de, no mínimo, uma parte do capital, elevando as taxas de juros para 50%.

Por isso alguns economistas relutam em prever se Cardoso poderá ter sucesso desta vez.

“A incerteza, no Brasil, reside em saber se o Congresso abandonou a complacência e se as reformas realmente poderão ser aprovadas”, disse Don Bowler, diretor regional da América Latina da Economist Intelligence Unit, firma de pesquisas econômicas de Londres.

“Não tenho certeza de que isso acontecerá, porque não existe uma grande unidade partidária no Brasil e há uma ampla gama de opiniões dentro dos partidos”.

Partidários de Cardoso afirmam que a crescente urgência da crise financeira mundial dará ao presidente a força que ele necessita para lidar com o Congresso este ano.

“Cardoso e sua equipe são inteligentes e sabem o que precisa ser feito” ressaltou James Ferrer, diretor do Institute of Brazilian Issues, da Universidade George Washington, de Washington.

Ferrer disse esperar que o pa-

cote de Cardoso inclua um grande corte das despesas, pequenos aumentos de impostos, e reformas do sistema de Seguridade Social.

A maioria dos analistas concorda com a idéia de que o governo quer fazer tudo o que puder para evitar a desvalorização do real, o que enviaria ondas de choque disseminadas pela população, que teme a volta dos tempos de hiperinflação que terminaram há apenas alguns anos.

Cardoso foi um ministro das Finanças popular, cujo plano monetário de 1994 reduziu os aumentos dos preços de 3.000% ao ano para perto de zero em menos de quatro anos.

Infelizmente, as reservas de moeda estrangeira, a melhor defesa conta um ataque especulativo contra o real, caíram de US\$ 67 bilhões no fim de agosto para US\$ 47 bilhões atualmente.

A desvalorização do rublo, pela Rússia, em agosto, atemorizou os investidores americanos, afastando-os de mercados emergentes como o Brasil, e fazendo com que os dólares desaparecessem mais rapidamente do que bombons diante de crianças famintas.

“Acho que todos esperam por uma desvalorização, exceto, talvez, Cardoso e seus aliados”, disse Jerry Haar, diretor do Inter-American Business and Labor Program do Centro Norte-Sul da Universidade de Miami.

Haar acrescentou que Cardoso poderá ser forçado a desvalorizar a moeda se a hemorragia de dinheiro continuar no setor público, em consequência da falta de reformas.

“No Brasil é possível alguém trabalhar para o governo durante dez anos e se aposentar com 110% do seu salário”, enfatizou Haar.

A maioria dos analistas julga que o plano de Cardoso deverá reduzir no mínimo US\$ 25 bilhões de um colossal déficit público de US\$ 60 bilhões.

Nesse ínterim, uma desvalorização certamente lançaria a economia na recessão e traria de volta a inflação alta.

E isso, com toda a certeza, desgastaria o poder aquisitivo dos consumidores e empresas do Brasil, prejudicando os exportadores dos Estados Unidos.

**UM MILHÃO  
DE BRASILEIROS  
VISITAM OS EUA  
ANUALMENTE**